



AS CONCEPÇÕES SOBRE EXPERIMENTAÇÃO DE EGRESSOS DE LICENCIATURA EM QUÍMICA DA UFPEL DOS ANOS DE 2007 E 2008

Alex G. Silveira¹(IC), Anelise M. Farias¹(IC)*(ane.farias@gmail.com), Daniela H. de Oliveira¹(IC), Juliana L. Souza¹(IC), Sandra Levien¹(IC), Irene T. S. Garcia¹(PQ), Verno Kruger¹(PQ)

¹ Núcleo de Ensino de Química, FaE/Universidade Federal de Pelotas, 96010-900, Pelotas, RS

Palavras Chave: Experimentação

Introdução

As atividades experimentais, particularmente no ensino de química e em geral no ensino de ciências e matemática são pouco discutidas pelos professores.

O objetivo destas atividades ao serem desenvolvidas nas escolas, durante o ensino de ciências, sofreu algumas alterações ao longo do tempo, de acordo com o perfil de cada professor. Desta forma a experimentação, segundo Borges e Moraes (1998), pode ser analisada por diferentes perspectivas, tais como a demonstração de uma verdade, teste de uma hipótese, solução de um problema, compreensão de um conceito, entre outros. Por trás de cada concepção de experimento científico encontram-se também diferentes concepções de ciência e, conseqüentemente, de ensino de ciências.

Este trabalho tem por objetivo investigar as concepções de experimentação de duas turmas de egressos do curso de Licenciatura em Química da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) dos anos de 2007 e 2008.

Metodologia

Para o desenvolvimento da pesquisa foi aplicado aos egressos do curso de Licenciatura em Química, um questionário fechado onde se perguntava quais suas opiniões referente aos objetivos da experimentação, assim como qual o tipo de metodologia mais adequado para desenvolver o experimento.

A análise dos dados foi realizada de acordo com os procedimentos da análise de conteúdo (Moraes, 1999), e foram estabelecidas duas categorias as quais orientaram a apresentação e discussão dos dados.

Resultados e Discussão

As questões referentes aos objetivos da experimentação foram agrupadas em duas categorias: a) *Experimentação Tradicional*, onde a experimentação é vista como uma forma de “fixar” o conteúdo, de comprovar teorias, de motivar os alunos; b) *Experimentação Construtivista*, onde se objetiva a construção do conhecimento por parte dos alunos através da realização dos experimentos.

Conforme os questionários analisados, podemos evidenciar que a maioria dos egressos do Curso apresentam predominantemente concepções de experimentação tradicional, onde acham importante a experimentação como uma forma de manter o interesse dos alunos na matéria, de comprovar leis e teorias.

Uma pequena parcela dos egressos apresentou concepções construtivistas, caracterizando a experimentação como mediadora da construção de leis e teorias.

Quanto à metodologia aplicada na realização de aulas experimentais, a maioria dos egressos do curso de Licenciatura em Química nos anos de 2007 e 2008, disseram que o experimento pode ser trabalhado antes e depois da teoria. Com isso, percebe-se uma contradição no posicionamento tradicional, já que esta metodologia visa dar um objetivo a atividade experimental respeitando o contexto em que a mesma está inserida.

Conclusões

Para a maioria dos egressos do Curso de Licenciatura em Química, formados após a implantação das Diretrizes Curriculares para a formação de professores para a Educação Básica, a experimentação segue moldes de ensino tradicional não levando em consideração o contexto em que cada aula prática é aplicada. Entretanto, é válido ressaltar ainda que, não se quer defender um determinado tipo de experimento já que todos são válidos. O que se quer é fazer com que o professor tenha sempre em mente o objetivo que deseja dar à experimentação.

Agradecimentos

Esse trabalho é financiado pela CAPES através do Projeto PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à docência).

¹ MORAES, R. Análise de conteúdos. *Educação* v.22, nº37, 1999 p. 7-32.

² BORGES, R.M.R.; MORAES, R. *Educação em Ciências nas séries iniciais*. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1998